



# Comunicações

## da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.008



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A ELOCUÇÃO DO NABHÎ DO ANTIGO TESTAMENTO: UMA INTERSECÇÃO COM AS LÍNGUAS DO NOVO TESTAMENTO

The speech of the Old Testament nabhî: an intersection with the languages of the New Testament

Humberto Pereira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo analisa a manifestação da elocução na atuação do antigo profeta da história de Israel, chamado na cultura judaica de “*nabhî*” e faz uma intersecção com a evidência de línguas no Novo Testamento, em especial na era apostólica. Este artigo aponta que, tanto a elocução do profeta não literário, o *nabhî*, como a evidência de línguas nos tempos apostólicos serviram como “sinal” confirmador da mensagem de Deus ao povo, ou seja, de fato era Deus falando através do profeta e, na era apostólica, pelas pessoas da comunidade cristã. A natureza e o propósito da manifestação da elocução do *nabhî* era entendível, logo, falada na língua do povo, para que não restasse dúvidas ao receptor, quanto ao que a mensagem divina pretendia transmitir. Igualmente as línguas manifestadas no dia da festa de Pentecostes serviram como “sinal” confirmador da mensagem divina por intermédio dos cristãos<sup>2</sup>. No primeiro ponto há a exposição sobre a elocução do *nabhî* no antigo Israel como um sinal confirmatório da mensagem divina ao povo; já no segundo ponto faz-se uma intersecção na elocução do antigo profeta e a manifestação de línguas ouvidas no dia de Pentecostes, registrado em Atos 2 e na era

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, graduado em Direito pelo Centro Universitário Estácio de Sá, pós-graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela Faculdade Damásio de Jesus, com MBA em Gestão Estratégica da Advocacia pela Universidade FUMEC e advogado por profissão, é membro da Igreja Presbiteriana do Brasil, na cidade de Juiz de Fora/MG. Estudou teologia na Escola de Preparação de Obreiros Evangélicos – EPOE de São Cristóvão/RJ, foi diretor e professor no Seminário Teológico Kairós e no Curso de Teologia Comcriv, ambos em Juiz de Fora/MG. E-mail: humbertopereira.advocacia@gmail.com

<sup>2</sup> Cristão é a pessoa que segue o ensinamento de Jesus Cristo.

apostólica. Por último, apresenta-se a linha de interpretação teológica cessacionista quanto às línguas como sinal confirmatório exclusivo para a era apostólica.

**Palavras-chave:** Profetismo. Elocução. Sinais. Igreja.

## ABSTRACT

This article analyzes the manifestation of elocution in the performance of the ancient prophet in the history of Israel, called “nabhî” in Jewish culture, and makes an intersection with the evidence of tongues in the New Testament, especially in the apostolic era. This article points out that both the elocution of the non-literary prophet, the nabhî, and the evidence of tongues in apostolic times served as a confirming “sign” of God’s message to the people, that is, it was in fact God speaking through the prophet and, in the apostolic era, through the people of the Christian community. The nature and purpose of the manifestation of the nabhî’s elocution was understandable, therefore, it was spoken in the language of the people, so that the receiver would have no doubts as to what the divine message intended to convey. Likewise, the tongues manifested on the celebration day of Pentecost served as a “sign” confirming the divine message through the Christians. In the first point the article presents the elocution of the nabhî in ancient Israel as a confirming sign of the divine message to the people; in the second point an intersection is made with the elocution of the ancient prophet and the manifestation of tongues heard on the day of Pentecost, recorded in Acts 2 and in the apostolic era. Finally, the cessationist line of theological interpretation of tongues as an exclusive confirmatory sign for the apostolic age is presented.

Keywords: Prophetism. Utterance. Signals. Church.

## INTRODUÇÃO

No conteúdo deste artigo será analisada a manifestação da elocução na atuação do antigo profeta da história de Israel, chamado na cultura judaica de “nabhî”. O foco será a característica elocutória do nabhî como um sinal confirmatório da mensagem divina ao povo, fazendo uma intersecção com a evidência de línguas no Novo Testamento, em especial na era apostólica. Será apresentada a linha de interpretação teológica cessacionista que entende que os dons extraordinários<sup>3</sup> foram sinais confirmatórios exclusivos para a era apostólica.

### 1. DEFINIÇÃO DO TERMO E A ELOCUÇÃO DO NABHÎ NO ANTIGO ISRAEL: UM SINAL CONFIRMATÓRIO DA MENSAGEM DIVINA AO POVO

O profeta falava ocasionalmente, mediante um impulso súbito do Espírito Santo, sem que houvesse preparação prévia. As suas palavras eram *ex tempore*, na medida em que esses homens eram levados por Deus a proferir, de súbito, uma mensagem que, antes desse estímulo repentino, não havia planejado apregoar. Nesse sentido, o profeta não era costumeiramente usado como profeta. Nicodemus, esclarece que a mensagem divina, na

---

<sup>3</sup> O ponto de vista teológico Cessacionista divide os dons em ordinários e extraordinários (isso será explicado no terceiro tópico). Essa divisão é apresentada por Schreiner (SCHREINER, Thomas R. **Dons espirituais**: uma perspectiva cessacionista. Traduzido por Marcelo Siqueira Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2019).

boca do *nabhî*, não o tornava inconsciente, ao contrário, o agir de Deus perpassa pela cultura do profeta com a finalidade de que o ouvinte entendesse a palavra divina, ele escreve:

Quando uma pessoa profetizava, ela não costumava entrar em transe extático, perdendo os sentidos e o controle sobre a sua atividade motora e muscular e tornando-se uma espécie de boneco ventríloquo nas mãos de Deus. A boca de um profeta não se transformava num simples canal do qual Deus se apropriou momentaneamente para proferir uma mensagem, durante a enunciação da qual o sujeito ficava completamente fora de si e inconsciente. A profecia não envolvia a objetificação e instrumentalização do profeta. O profeta, de forma geral, estava consciente de que Deus agia por meio dele.<sup>4</sup>

Se no Antigo Testamento, o *nabhî* era o portador da mensagem divina, agora, no Novo Testamento, as línguas estrangeiras ouvidas na festa de Pentecostes, em Atos 2.1-12 – NAA<sup>5</sup>, também anunciavam, de forma inteligível, ao mundo, o evangelho, como sinal confirmador da autenticidade da mensagem da Igreja. Nesse sentido, a elocução profética, tanto no Antigo como no Novo Testamento, se traduziu como uma marca do enchimento do Espírito Santo, sendo exegeticamente entendida, conforme os textos que seguem abaixo, a saber:

<sup>24</sup> Moisés saiu e contou ao povo as palavras do Senhor. Ele reuniu setenta homens dos anciãos do povo e os pôs ao redor da tenda.<sup>25</sup> Então o Senhor desceu na nuvem e falou com Moisés. E, tirando do Espírito que estava sobre Moisés, o pôs sobre aqueles setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; mas isto nunca mais se repetiu (Nm 11.24,25).

<sup>10</sup> Quando eles chegaram a Gibeá, eis que um grupo de profetas saiu ao encontro deles. O Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou no meio deles.<sup>11</sup> Todos os que já o conheciam, vendo que ele profetizava com os profetas, perguntavam uns aos outros: — Que é isso que aconteceu com o filho de Quis? Está também Saul entre os profetas? (1Sm 10.10,11).

<sup>28</sup> E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões (Jl 2.28,29).

<sup>41</sup> Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre. Então Isabel ficou cheia do Espírito Santo.<sup>42</sup> E exclamou em alta voz: — Bendita é você entre as mulheres, e bendito o fruto do seu ventre! (Lc 1.41,42).

Tanto a elocução do *nabhî* no Antigo Testamento como a evidência de línguas nos tempos apostólicos, serviram como “sinais” confirmadores da mensagem de Deus ao povo, ou seja, de fato, era Deus falando através do profeta e, agora, através da igreja. A natureza e o propósito da manifestação da elocução do *nabhî* era entendível na língua do povo, para que não restasse dúvidas ao receptor, ou seja, o que a mensagem divina pretendia transmitir.

---

<sup>4</sup> NICODEMUS, Augusto. **Profetas**: a profecia na história e na igreja. São José dos Campos: Fiel, 2023, p. 34.

<sup>5</sup> Nesse artigo será utilizada a tradução da Bíblia Nova Almeida Atualizada, conhecida como NAA.

Igualmente, as línguas estrangeiras manifestadas no dia da festa de Pentecostes, em Atos 2.1-12, serviram como “sinal” da autenticidade divina da mensagem pregada por intermédio da Igreja. Resta claro que a elocução profética é a manifestação do Espírito Santo, ou seja, a profecia, as línguas, a variedade de línguas, a palavra da sabedoria e ciência, tudo que envolve uma fala movida pelo Espírito Santo, estando presente fartamente em toda extensão do texto bíblico.

A palavra *nabhî* aparece mais de 300 vezes no texto do Antigo Testamento. A etimologia exata desse termo é incerta, mas "chamar" parece a melhor opção de tradução. *Nabhî* é a palavra hebraica usada para designar o “profeta” dos primórdios de Israel. Essa palavra transmite a ideia de alguém que fala por outro, como “sua boca”. Esse conceito ficou claro quando Deus enviou Moisés de volta ao Egito e disse que Arão falaria em seu lugar, conforme escrito no texto bíblico: “Ele falará por você ao povo; ele será como se fosse a sua boca, e você será para ele como Deus” (Êx 4.16). A expressão no hebraico יְהִיֶּה לְךָ לִפְּהַיִּים (*yihyeh- lekā lepēh*: “ele deverá ser como uma boca”) demonstra que o propósito de Moisés passaria pela elocução de Arão. Essa fala, como característica do profeta, também foi evidenciada na passagem de Deuteronômio 18.15-19, quando Deus estabeleceu a relação com o povo de Israel, a partir da classe profética, que falaria o que Ele ordenasse:

<sup>15</sup>— O Senhor, seu Deus, faça com que do meio de vocês, do meio dos seus irmãos, se levante um profeta semelhante a mim; a ele vocês devem ouvir. <sup>16</sup> Porque isso foi o que vocês pediram ao Senhor, seu Deus, em Horebe, no dia em que o povo estava reunido. Vocês disseram: “Não nos faça ouvir de novo a voz do Senhor, nosso Deus, nem ver este grande fogo, para que não morramos.” <sup>17</sup> Então o Senhor me disse: “Eles estão corretos naquilo que disseram. <sup>18</sup> Farei com que se levante do meio de seus irmãos um profeta semelhante a você, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele irá falar tudo o que eu lhe ordenar. <sup>19</sup> De todo aquele que não ouve as minhas palavras, que ele fala em meu nome, disso lhe pedirei contas (Dt. 18.15-19).

A diferença entre *nabhî* e *ro'eh* está na transição de um termo para o outro. *Nabhî* significa "profeta" e vem da raiz "chamar". Já *ro'eh* é "ver", sendo um termo geral. Essa pessoa entendia os caminhos e planos de Deus e era consultada para averiguar a vontade de Deus num assunto. Outra palavra usada no hebraico para profeta é *hozeh*, que significa "vidente" (2Samuel 24.11; Amós 7.12). Essa terceira palavra é basicamente um sinônimo de *ro'eh*, usado mais raramente no hebraico para "ver numa visão". A forma do participio é usada mais frequentemente para se referir aos profetas.

A origem da palavra *nabhî* está ligada ao cognato do verbo acádio *nabu*, que significa "chamar" e árabe *naba'a*, "anunciar". Este é o termo mais comum do Antigo Testamento para designar um profeta. A frase "*ish ha elohim*", "homem de Deus", é também uma designação mais geral para "aquele que fala por Deus". É usada 76 vezes no Antigo Testamento no sentido de "profeta". No Novo Testamento "profeta" tem origem na língua grega, vem do termo *pro*, que significa "antes" ou "para" e *phemi*, que significa "falar". Sendo assim, o "*nabhî*", na definição de Schökel, é "aquele que profetiza, vaticina, prediz, pronuncia oráculos, conjura,

esconjura, entra ou está em transe”.<sup>6</sup> Facilmente se verifica no conceito acima, que a atividade profética está sempre relacionada à elocução. Portanto, o profeta era, primeiramente, alguém que falava da parte de Deus, inspirado e orientado por ele. Vine, define profeta, a partir da palavra grega *profetes*, como “aquele que fala antecipadamente ou abertamente, proclamador de mensagem divina”<sup>7</sup> e continua:

Na Septuaginta, é a tradução da palavra roer, “vidente” (1Sm 9.9), indicando que o “profeta” era aquele que tinha intercurso imediato com Deus. Também traduz a palavra nabhî, que significa “qualquer um em que a mensagem de Deus emana” ou “aquele a quem qualquer coisa é comunicada secretamente”. Por conseguinte, em geral, o profeta era a pessoa em que o Espírito de Deus descansava (Nm 11.17-29), alguém, a quem, e por quem Deus fala (Nm 12.2; Am 3.7,8). No caso dos profetas do Antigo Testamento, suas mensagens eram em grande parte a proclamação do propósito divinos de salvação e glória a serem realizados no futuro; o “profetizar” dos “profetas” do Novo Testamento era uma pregação das deliberações divinas da graça já realizadas e a predição dos propósitos de Deus no futuro.<sup>8</sup>

A expressão “assim diz o Senhor” ou “veio a mim a Palavra do Senhor dizendo”, usadas abundantemente pelos profetas, demonstravam que a “fala” não provinham deles próprios, mas diretamente de Deus, como um sinal da vontade divina ao povo de Israel (Lucas 1.70; Hebreus 1.1-2). Logo, essa elocução era um sinal claro do agir de Deus no meio de seu povo. Parte dessas “falas” foram escritas no Antigo Testamento, sendo chamadas, no Novo Testamento, por Paulo de “escrituras proféticas” (Romanos 16.26; 2Pedro 1.21; 2Timóteo 3.16).

Vine esclarece que “a profecia não é, necessariamente, nem mesmo primeiramente, vaticinadora. É a declaração do que não pode ser conhecido por meios naturais (Mt 26.68), é a descrição antecipada da vontade de Deus, quer com referência ao passado, presente ou futuro”.<sup>9</sup> Dessa forma, os antigos *nabhîs*, portavam a mensagem divina ao povo, algumas vezes, de juízo. Ou seja, a fala profética trazia, claramente, na língua natural do povo, o aviso divino.

Na progressividade do relacionamento de Deus com o povo, através dos profetas, Deus passou a avisar que, se eles desobedecem praticando idolatria, o resultado dessa desobediência seria a destruição, é o sinal de que isso aconteceria seria quando os naturais de Israel ouvissem línguas estrangeiras próximo aos seus muros, isso seria um aviso de juízo divino sobre o povo, conforme escrito: “— O Senhor fará vir contra vocês uma nação de longe, que virá da extremidade da terra, como o voo impetuoso da águia, uma nação cuja língua

---

<sup>6</sup> SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997, p. 415.

<sup>7</sup> VINE, William Edwy. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento. Tradução de Luiz Aron de Macedo. Nashville: Thomas Nelson, 1985, p. 903.

<sup>8</sup> VINE, 1985, p. 903.

<sup>9</sup> VINE, 1985, p. 902.

você não entenderão (Dt 28.49). A passagem de Deuteronômio 28.49 é conhecida como “a maldição da aliança”.

Na mesma linha, o profeta Isaías, por volta de 730 a.C., vendo seus contemporâneos praticando a idolatria, incorrendo na maldição da aliança, profetizou que o juízo divino viria por intermédio de língua estrangeira e então escreveu: “Pois bem, por meio de lábios zombeteiros e de uma língua estranha o Senhor falará a este povo (Is 28.11). Vivendo no epicentro dos acontecidos vaticinados por Moisés e Isaías, o profeta Jeremias também escreveu: “Eis que trago contra você uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o Senhor; nação robusta, nação antiga, nação cuja língua você não conhece; e cuja fala você não entende” (Jr 5.15).

Estas profecias indicavam que, quando os judeus ouvissem o soldado estrangeiro falando em uma língua que eles não entendiam, próximo aos muros da cidade, eles podiam ter certeza que era a maldição da aliança. Era Deus enviando um povo estrangeiro para executar juízo ao seu próprio povo, pela idolatria praticada, que, conseqüentemente, quebrou a aliança. Dessa forma, a elocução profética passou a ser entendida como sinal de juízo de Deus ao povo.

MacArthur argumenta que a manifestação de línguas estrangeiras falada pelos seguidores de Jesus, na festa de Pentecostes, em Atos 2.1-12, foi um sinal confirmador de juízo divino sobre a nação de Israel ao mesmo tempo que Deus estava avisando que trataria, por intermédio de Jesus, com todas as etnias do mundo:

Em segundo lugar, como já vimos, as línguas tinham como objetivo ser um sinal para o Israel incrédulo. Significavam que Deus havia começado uma nova obra que incluiria os gentios. O Senhor falaria agora a todas as nações em suas línguas. As barreiras foram derrubadas. Assim, o dom de línguas simbolizava não apenas a maldição divina sobre a nação desobediente, mas também a benção de Deus sobre o mundo.<sup>10</sup>

Assim, as línguas sinalizavam uma transição entre a Antiga e Nova Aliança. MacArthur diz que “um novo dia raiou para o povo de Deus. Deus se comunicaria em todas as línguas<sup>11</sup>”. A análise de MacArthur sobre o evento de Pentecostes ressalta a profundidade teológica da manifestação das línguas estrangeiras. Para Israel, este fenômeno representou um juízo divino pela sua incredulidade e desobediência. Simultaneamente, marcou o início de uma nova era em que Deus, através de Jesus Cristo, estenderia sua graça e mensagem de salvação a todas as nações. A derrubada das barreiras linguísticas simboliza tanto a condenação sobre a nação israelita quanto a abertura do Evangelho para os gentios<sup>12</sup>, revelando o plano redentor universal de Deus. Assim, o dom de línguas não foi apenas um sinal de juízo, mas uma

---

<sup>10</sup> MACARTHUR. Jonh Jr. **O caos carismático**. Traduzido por Rogério Portela. São José dos Campos: Fiel, 1992, p. 308.

<sup>11</sup> MACARTHUR, 1992, p. 308.

<sup>12</sup> Gentio é a expressão usada para identificar a pessoa que não é judeu.

proclamação da bênção divina disponível a todo o mundo, demonstrando que a obra de Cristo alcançaria todas as etnias, cumprindo a promessa de redenção para toda a humanidade.

## 2. A MANIFESTAÇÃO DAS LÍNGUAS NO NOVO TESTAMENTO: UMA INTERSECÇÃO COM A ELOCUÇÃO DO ANTIGO PROFETA

A passagem de Atos 2.1-12, registrou a reunião de cento e vinte discípulos de Jesus, na cidade de Jerusalém, na festa de Pentecostes. Nessa ocasião o Espírito Santo foi derramado e o resultado foi a manifestação da elocução dos presentes em idioma estrangeiro. O apóstolo Pedro, pregando aos judeus no dia de Pentecostes, em Atos 2.14-16, claramente, entendeu essa elocução como sinal de cumprimento de Joel 2.28-32.<sup>13</sup> A profecia de Joel pronunciava um momento histórico em que a manifestação do Espírito de Deus viria sobre um grupo de pessoas de várias etnias.<sup>14</sup> Esse acontecimento seria um sinal de juízo divino sobre o povo. O autor do texto de Joel, inclusive, fala sobre sobreviventes.

O acontecimento de Atos 2.1-12 apontou para duas vertentes, a primeira, Deus estava esclarecendo que, com o advento da morte e ressurreição de Jesus, o povo de Deus deixaria de ser exclusivamente Israel, passando a estar em todo mundo. Ou seja, Deus estava dando continuidade no plano de salvação, o que incluía pessoas de todas as etnias. Segundo, as línguas estrangeiras faladas dentro da cidade, podia fazer qualquer judeu ortodoxo relembrar as profecias de juízo vaticinadas por Moisés, Isaías e Jeremias. Quase 40 anos depois dos acontecimentos registrados em Atos 2, a cidade foi cercada por 3 anos e, por fim, totalmente destruída, por estrangeiros que falavam o latim. Nas duas vertentes, as línguas do Novo Testamento serviram como sinal profético.

Fee, diz que o apóstolo Paulo escreveu sua primeira carta à igreja em Corinto, 1Coríntios, com o objetivo de realinhar exageros relacionados às línguas: “Paulo passa finalmente a apresentar corretivos específicos para as manifestações evidentemente desenfreadas de línguas nas reuniões de culto da comunidade em Corinto”.<sup>15</sup> Ao orientar os irmãos coríntios sobre ordem no culto, no capítulo 14.21-22,<sup>16</sup> o apóstolo Paulo os lembrou que as línguas faziam referência a antiga profecia de Isaías (28.12), concluindo que essas manifestações em

---

<sup>13</sup> Joel 2.28-32 <sup>28</sup> “E aconteceu, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e seus jovens terão visões. <sup>29</sup> Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. <sup>30</sup> Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. <sup>31</sup> O sol se transformará nas trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor.” <sup>32</sup> Acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Porque, no monte Sião e em Jerusalém, trará os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chama (Jl. 2.28-32).

<sup>14</sup> Joel 2.28: “toda a humanidade”. A melhor tradução é que “toda humanidade”, se refere a várias etnias, não categoricamente, todas as pessoas do mundo.

<sup>15</sup> FEE, Gordon D. **1 Coríntios**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 825.

<sup>16</sup> 1Coríntios 14.21,21,22 <sup>21</sup> “Na lei está escrito: ‘Falarei a este povo por meio de homens de outras línguas e por meio de lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.’ <sup>22</sup> Portanto, as línguas constituem um sinal não para os que creem, mas para os que não creem; a profecia, no entanto, não é para os que não creem, e sim para os que creem”.

línguas constituíam um sinal para as pessoas de fora, que ouviam os irmãos falarem um idioma que nacionalmente desconheciam.

O apóstolo Paulo concluiu, aos irmãos coríntios, que as línguas eram sinais de Deus à quem ouvia, sendo uma mensagem divina de juízo à nação de Israel (1Co 14.22). Vale lembrar que, em 70 d.C., apenas alguns anos depois de Paulo escrever aos coríntios (56/57 d.C.), os romanos, cuja língua, o latim, os judeus não falavam, cercaram por 3 anos a cidade até que derrubaram os muros e tomaram a cidade, não ficou “pedra sobre pedra”. A história registra que, em 30 de agosto do ano 70 d.C., cerca de 60 mil soldados romanos sob comando de Tito, futuro imperador, ocuparam e saquearam a cidade de Jerusalém. O episódio punha fim à Grande Revolta Judaica que, desde o ano 66 vinha provocando motins e atentados contra cidadãos romanos em protesto ao domínio de Roma e ao pagamento de tributos. A destruição da cidade de Jerusalém no ano 70 d.C. foi um dos acontecimentos mais dramáticos da história do Povo Judeu em todos os tempos.

### 3. AS LÍNGUAS NA LINHA DE INTERPRETAÇÃO CESSACIONISTA

A igreja é fundada sobre um padrão de crença e isso foi fundamental para que crescesse e se desenvolvesse baseada num terreno sólido, resultado do que foi coletivamente aceito, não em cima de subjetivismo pessoal, daquilo que cada um acreditava individualmente, do que cada um “achava”.

Schreiner diz que o Cessacionismo é uma “posição teológica”.<sup>17</sup> Logo, o **Cessacionismo** é a linha teológica que entende que os dons foram exclusivos dos tempos apostólicos, cumprindo um propósito evangelizador, se encerrando na igreja primitiva. No entanto, é preciso entender, conforme Schreiner, que o Cessacionismo “não é assunto de primeira ordem. Não se discute a Trindade, a pessoa de Cristo, nem a justificação pela fé”.<sup>18</sup> MacArthur explica que as línguas eram um dom miraculosos de revelação e observa que a era dos milagres e da revelação chegou ao fim com os apóstolos:

A maioria dos milagres registrados na Bíblia ocorreu em três períodos relativamente curtos: nos dias de Moisés e Josué, durante os ministérios de Elias e Eliseu e no tempo de Jesus e seus apóstolos. Nenhum desses períodos se estendeu por mais de cem anos. Cada um desses períodos testemunhou a proliferação de milagres em outras eras. Entretanto, mesmo nesses períodos, os milagres não eram a norma para o dia-a-dia. Os milagres realizados diziam respeito a homens que eram mensageiros extraordinários enviados por Deus – Moisés e Josué, Elias e Eliseu e Jesus e os apóstolos.<sup>19</sup>

A linha de interpretação teológica cessacionista divide os dons em ordinários e extraordinários. Dons ordinários (comuns a todos) são aqueles que Deus concede

---

<sup>17</sup> SCHREINER, Thomas R. **Dons espirituais**: uma perspectiva cessacionista. Tradução de Marcelo Siqueira Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 11.

<sup>18</sup> SCHREINER, 2019, p. 11.

<sup>19</sup> MACARTHUR, 1992, p. 145.

ordinariamente a todos os filhos em qualquer tempo, como fé, esperança, amor, evangelismo, mestre (ensino), palavra do conhecimento, palavra da sabedoria, exortação, socorro, misericórdia, governo (presidir e administração), ministério e contribuição.<sup>20</sup> Já os dons extraordinários se apresentam de forma sobrenatural como curas, milagres, línguas, profecias (revelações diretas de Deus), expulsão de demônios e até mesmo pegar em serpentes e beber veneno. A pessoa com dom extraordinário é dotada de capacidade sobrenatural que funciona como “sinal de autenticidade da missão”, como Moisés, Josué, Elias, Eliseu e no Novo Testamento, os apóstolos e outros da igreja primitiva.

Para o Cessacionismo, os dons extraordinários demarcam e confirmam um grande evento, como o ministério do Cristo<sup>21</sup> e o estabelecimento da igreja pelos apóstolos.<sup>22</sup> A libertação e saída dos hebreus do Egito aconteceu em meio a “sinais” que confirmavam a missão divina de Moisés.<sup>23</sup> A apostolicidade de Paulo<sup>24</sup> também foi confirmada por milagres extraordinários (é a única vez que esse termo aparece no NT). Nesse sentido, o Cessacionismo entende que os dons extraordinários não se manifestam em todos os tempos, mas, num tempo específico para cumprir um propósito, confirmando a veracidade do evento (o pentecostalismo concorda nesse ponto e alega que o “derramamento” do Espírito Santo nessa geração prepara a igreja para o grande evento do retorno de Cristo).

Esses dons “sinais” podem se manifestar na igreja hoje? Uma linha extrema de interpretação teológica do cessacionismo defende que todos os dons cessaram, defendida por teólogos como MacArthur, já citado aqui, e Warfield,<sup>25</sup> mas é bom esclarecer que esse não é esse o entendimento majoritário. Schreiner, que se declara um cessacionista moderado, diz que o cessacionismo não nega que é possível haver milagres hoje (alguns são inegáveis):

Isso certamente não quer dizer que não existam milagres hoje! Deus continua com o poder de curar e fazer milagres de acordo com sua vontade, e ele o faz! O cessacionismo não significa que não existem milagres na era presente, nem significa que não devemos orar por curas e milagres. Oro sempre por isso. [...]. Muitos de nós acreditam que Deus é capaz de realizar milagres e de fato os realiza hoje; mas será que temos pessoas com o dom de curas e milagres? [...] Sim, Deus opera milagres, mas eles são relativamente raros. Talvez Deus se agrade, em situações missionárias pioneiras, em conceder os mesmos sinais e maravilhas que vemos no Novo Testamento. Penso que isso, certamente, é possível, e por isso chamo a minha visão de cessacionismo moderado.<sup>26</sup>

O conceito teológico que entende que não há ninguém com dons de cura hoje, não nega que Deus possa curar. Ainda que não tenham pessoas com o dom de falar em línguas, ou de

---

<sup>20</sup> Creio que o rol dos dons é exemplificativo não taxativo, havendo outros dons não listados no N.T.

<sup>21</sup> Isaías 42.7; Mateus 11.5.

<sup>22</sup> Marcos 16.20; Hebreus 2.4.

<sup>23</sup> Êxodo 7.9.

<sup>24</sup> Atos 19.11,12; 1Coríntios 1.21.

<sup>25</sup> WARFIELD, Benjamin Breckinridge. **Milagres falsificados**. New York: Charles Scribner's Sons, 1918, p. 320.

<sup>26</sup> SCHREINER, 2019, p. 147.

profetizar, ou ainda de interpretar essas línguas, não significa que não possa acontecer, se Deus assim o quiser. Mas, não se pode dar mais importância ao guardanapo do que ao bolo, não se pode comer o guardanapo e jogar o bolo fora, ou seja, a ênfase da igreja não deve estar nos dons extraordinários, mas na sua missão (os dons existem por causa da missão e não vice-versa). Onde estão os milagres que confirmavam a autenticidade da missão da igreja? A resposta padrão dos reformadores do século XVI, foi que os milagres que validam a missão da igreja estão no ministério de Jesus e dos apóstolos, cessando na época da igreja primitiva. Esse era o pensamento de Agostinho, conforme comenta Busenitz:

Nos tempos antigos o Espírito Santo veio sobre os crentes e eles falaram em línguas, que não haviam aprendido, conforme o Espírito concedia que falassem. Estes foram sinais adaptados ao tempo. Pois aquilo foi o sinal do Espírito Santo em todas as línguas [idiomas] para mostrar que o Evangelho de Deus era para ser espalhado a todas as línguas sobre a terra. Isto foi feito por um sinal, e o sinal findou.<sup>27</sup>

Na mesma linha, Graebner esclarece que Lutero defendia que os dons miraculosos e as línguas tinham um propósito específico, cessando no estabelecimento da igreja:

Na Igreja primitiva, o Espírito Santo foi enviado de forma visível. Ele desceu sobre Cristo na forma de uma pomba (Mt 3:16), e à semelhança de fogo sobre os apóstolos e outros crentes (At 2:3). Esse derramamento visível do Espírito Santo foi necessário para o estabelecimento da Igreja primitiva, como também foram necessários os milagres que acompanharam o dom do Espírito Santo. Paulo explicou o propósito destes dons miraculosos do Espírito em I Coríntios 14:22, ‘as línguas são um sinal, não para os que creem, mas para os que não creem’. Uma vez que a Igreja tinha sido estabelecida e devidamente anunciada por estes milagres, a aparência visível do Espírito Santo cessou.<sup>28</sup>

Como visto acima, no pensamento de Calvino, os dons de milagres foram temporários, pois estavam enraizados em uma visão teológica e histórica que apontava o papel ratificador da Igreja. Nas *Institutas da Religião* Calvino sugere que Cristo não deixou claro se os dons milagrosos deveriam continuar perpetuamente na igreja ou se eram destinados a um período específico, no entanto, para Calvino os dons de milagres e de elocução cumpriram um propósito temporal específico na história da igreja: “Embora Cristo não declare expressamente se Ele pretende que esse dom [de milagres] seja temporário ou permaneça perpetuamente na Igreja, é mais provável que os milagres tenham sido prometidos apenas por um tempo, para dar brilho ao evangelho enquanto ele era novo ou em estado de obscuridade”.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> BUSENITZ, Nathan. **A cessação dos dons apostólicos**. Disponível: <https://www.internautascristaos.com/textos/artigos/a-cessacao-dos-dons-apostolicos>. Acesso em 25abr2024.

<sup>28</sup> GRAEBNER, Theodore. **Martinho Lutero**: comentário sobre Gálatas. São José dos Campos: Fiel, 2010, p. 150.

<sup>29</sup> CALVINO, João. **Institutas da religião cristã**. São José dos Campos: Fiel, 2023, p. 389.

De acordo com a fala de Graebner, os dons de milagres e elocução desapareceram após o estabelecimento inicial do cristianismo e a consolidação da mensagem do evangelho. Graebner argumenta que o dom de cura e outros milagres foram trazidos à luz por um tempo determinado pelo Senhor, com o propósito de autenticar e validar a mensagem do evangelho durante sua fase inicial. Esse uso temporário dos milagres teria servido para chamar a atenção das pessoas e confirmar a autoridade dos apóstolos e a veracidade da nova fé cristã: “O dom de cura, como o resto dos milagres, os quais o Senhor quis que fossem trazidos à luz por um tempo, desapareceu, a fim de tornar a pregação do Evangelho maravilhosa para sempre”.<sup>30</sup>

A expressão "a fim de tornar a pregação do Evangelho maravilhosa para sempre" sugere que, uma vez que os milagres cumpriram seu papel de autenticação, o foco deveria se voltar para a pregação contínua do evangelho. Edwards, também entendia que os dons extraordinários cessaram. Para Edwards, esses dons extraordinários tiveram um papel crucial na fase inicial da Igreja, servindo para estabelecer e consolidar a fé cristã no mundo. Ele destaca que esses dons foram necessários até que o cânon das Escrituras fosse concluído e a Igreja estivesse plenamente estabelecida. “Os dons extraordinários foram dados para a fundação e o estabelecimento da igreja no mundo. Mas, depois que o cânon das Escrituras foi concluído e a igreja cristã foi plenamente fundada e estabelecida, os dons extraordinários cessaram”.<sup>31</sup>

Assim, a linha de interpretação teológica cessacionista quanto aos dons, entende que as línguas como dom extraordinário foi um sinal confirmatório até a era apostólica, não havendo mais a permanência desses dons desde então.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou que a manifestação da elocução estava presente na atuação do antigo profeta da história de Israel, chamado na cultura judaica de “*nabhî*” e fez-se uma intersecção com a evidência de línguas no Novo Testamento, em especial na era apostólica. Concluiu-se que as línguas estrangeiras manifestadas no dia da festa de Pentecostes, em Atos 2.1-12, serviram como “sinal” confirmador da mensagem divina por intermédio da igreja. No primeiro ponto do artigo foi exposto a elocução do *nabhî* no antigo Israel como um sinal confirmatório da mensagem divina ao povo; avançou-se para o segundo ponto, no qual fez-se uma intersecção na elocução do antigo profeta e a manifestação de línguas estrangeiras faladas pelos seguidores de Jesus no Pentecostes e na era apostólica. Por último, teceu-se a linha de interpretação teológica cessacionista quanto às línguas como sinal confirmatório exclusivo até a era apostólica.

---

<sup>30</sup> GRAEBNER, 2010, p. 172.

<sup>31</sup> EDWARDS, Jonathan. **Caridade e seus frutos**: um estudo sobre 1 Coríntios 13. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 29.

## REFERÊNCIAS

- BUSENITZ, Nathan. **A Cessação dos dons apostólicos**. Disponível: <https://www.internautascristaos.com/textos/artigos/a-cessacao-dos-dons-apostolicos>. Acesso em 25abr2024.
- CALVINO, João. **Institutas da religião cristã**. São José dos Campos: Fiel, 2023.
- EDWARDS, Jonathan. **Caridade e seus frutos**: um estudo sobre 1Coríntios 13. Fiel. 2015.
- FEE, Gordon D. **1Coríntios**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- GRAEBNER, Theodore. **Martinho Lutero**: comentário sobre Gálatas. São José dos Campos: Fiel, 2010.
- MACARTHUR, Jonh Jr. **O caos carismático**. Traduzido por Rogério Portela. São José dos Campos: Fiel, 1992.
- NICODEMUS, Augusto. **Profetas**: a profecia na história e na igreja. Edição Kindle. São José dos Campos: Fiel, 2023.
- SCHREINER, Thomas R. **Dons espirituais**: uma perspectiva cessacionista. Tradução Marcelo Siqueira Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico português**. Tradução Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.
- VINE, William Edwy. **Dicionário Vine**: O significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e Novo Testamento. Tradução Luiz Aron de Macedo. Nashville: Thomas Nelson Brasil, 1985.
- WARFIELD, Benjamin Breckinridge. **Milagres falsificados**. New York: Charles Scribner's Sons, 1918.